

VIVENDO E APRENDENDO: EXPERIÊNCIA DE DIÁLOGO DO PET-GEOGRAFIA/UFF COM A COMUNIDADE DO MORRO DO PREVENTÓRIO, CHARITAS, NITERÓI – RJ.

Andressa de Oliveira Spata , Camilla Soares Pinto dos Santos, Cintia Faria de Sousa, Cristiane Passos de Mattos, Diego de Lemos Abreu, Eduardo Oliveira Carvalho, Egberto da Fonseca Casazza, Évelin Generoso Ferreira, Francis Gomes Macedo, Gustavo Francisco Teixeira Prieto, Juliana Cristina Araújo do Nascimento, Paulo Henrique Oliveira Porto de Amorim (Bolsistas - PET – Geografia/UFF) Satie Mizubuti (Tutora – PET – Geografia/UFF). Órgão financiador: MEC\SESU.

Resumo: O presente trabalho visa relatar as experiências dos bolsistas do PET-Geografia da UFF na realização de visitas à comunidade do Morro do Preventório, situada no bairro de Charitas, Niterói – RJ. Foi idealizado ao longo do ano de 2005, a partir de leituras e reflexões sobre extensão universitária, identidade e geografia além de diálogos com sujeitos já presentes no local, como Associação de Moradores, Médico de Família e outros projetos universitários. Com base em vivências na comunidade os bolsistas se organizaram para realizar trabalhos específicos porém subordinados a totalidade que é o Preventório.

A redefinição dos objetivos do Programa Especial de Treinamento, que a partir de 2003 passou a chamar-se Programa de Educação Tutorial, levou os integrantes do grupo a repensar a teoria e a prática dos seus trabalhos. Identificou-se a necessidade de realizar atividades de extensão universitária para cumprir as determinações do órgão regulador, o MEC\SESu. Por critérios como proximidade, por ser uma área conhecida como segura, livre da influência do tráfico de drogas, o grupo adotou a comunidade do Morro do Preventório como área de estudos. O local fica situado no bairro de Charitas, município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

A primeira tentativa de aproximação com os moradores da comunidade foi através do contato com a Associação de Moradores do Morro do Preventório, então presidido pelo Sr. Sales. Os petianos tiveram a oportunidade de conversar durante uma tarde com o presidente da Associação, que em seguida propiciou um momento de contato direto com a comunidade. Com a sua influência, o Sr. Sales familiarizou os integrantes do grupo PET com alguns moradores, que prontamente abriram as portas de suas casas para alguns minutos de diálogo.

Nas reuniões que se seguiram à visita ao Preventório, o grupo, com a sensibilidade revolvida pela realidade, passou por um florescer de idéias das mais diversas, porém todas diretamente ligadas às grandes carências observadas no local. Curso popular de informática, oficinas de leituras de livros didáticos de Geografia, uma exposição de fotos de pessoas que os próprios moradores escolhessem como seus “ícones”; foram muitas as propostas, tantas que apresentaram ao grupo uma nova problemática: qual seria, de fato, o perfil, a identidade daquela comunidade? Em outros termos, o que faz do Morro do Preventório a comunidade do Morro do Preventório? Que postura nova da práxis petiana teria que ser desenvolvida?

O trabalho então passou para um segundo estágio. A ação dos petianos se deu em contato direto com os moradores através de questionários confeccionados pelo próprio grupo com antecedência ao longo de suas reuniões semanais. Porém, quando o questionário estava pronto e o grupo encaminhava-se para a sua aplicação, ocorreu um processo seletivo que mudou cerca de um terço dos seus integrantes. Logicamente, novos componentes significam um novo perfil de grupo, novos objetivos, e o resultado da aplicação do questionário foi uma insatisfação com o produto obtido, julgado, numa breve avaliação em reunião, como insuficiente para contribuir na definição da identidade dos moradores do local. As críticas radicalizaram-se a ponto de questionar até mesmo os objetivos de uma atividade extensionista. Como consequência, um processo de crise, no sentido de momento de reformulações, instaurou-se e o grupo acabou dividido em três partes que deveriam, cada uma, dar conta de cada um dos eixos determinados para o PET: ensino, pesquisa e extensão.

O impacto da nova organização do grupo gerou novas indagações. Antes mesmo de terminar um ano inteiro de experiência, notou-se que as atividades mais integradoras e, ao mesmo tempo, mais produtivas eram justamente as desenvolvidas por todo o grupo (ex: mini-cursos, visitas, idas a encontros). Era preciso uma nova reformulação.

O trabalho na comunidade do Morro do Preventório continuou enquadrado no eixo de extensão. As atividades desenvolvidas nesse momento foram, no entanto, um conjunto de leituras sobre o que é e o que deveria ser a extensão. O livro-guia, pelo qual os estudos foram iniciados, foi *Extensão ou Comunicação?*, de Paulo Freire. Apesar dos estudos fragmentados, dentro da dinâmica das reuniões os petianos participantes de cada eixo faziam apresentações dos textos lidos, o que permitia que o resto do grupo fosse atingido pelas leituras e reflexões realizadas.

“(…) a expressão “extensão educativa” só tem sentido se se toma a educação como prática da “domesticação”. Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a sede da “ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta.” FREIRE(1983:25)

Paulatinamente, os integrantes passaram a relacionar as discussões com as próprias práticas internas, relativas à participação de cada um como tutor ou tutorado. Criou-se um clima de transformação, redefinição de princípios e objetivos. Diante desse desafio, a tutora e os estudantes puseram-se a estudar profundamente a natureza e o significado da extensão.

Se, de acordo com as leituras, consideramos inadmissíveis as condutas de um extensionista que se considera como dono do saber em relação com pessoas-educandos, vistas como vazios a serem preenchidos; se a opção do grupo foi orientada por práticas libertadoras, que permitissem a emancipação das pessoas da Comunidade do Preventório e não a sua prisão a ações assistencialistas; não restaria alternativa a não ser internalizar esses princípios no bojo das atividades petianas. Os tutorados passam a reconhecer em si e em cada um dos seus colegas educadores, e reafirma-se o já sabido compromisso da tutora com o

grupo enquanto elemento diferenciado, porém também em constante aprendizado. A responsabilidade pela formulação, pelo desenvolvimento e avaliação das tarefas deixa definitivamente de ser função exclusiva do tutor e passa a ser compromisso de cada um e do grupo como um todo. Através desse reordenamento de funções, as idéias de trabalho para o Morro do Preventório mudam também de caráter.

Das reflexões decorrentes, surgiria não só um projeto de extensão, mas uma completa renovação teórica-prática do próprio grupo. Neste contexto, surgiu a proposta de que o grupo deixasse de trabalhar de forma segmentada, já que ao questionar a validade do conceito de extensão acaba-se por questionar a própria divisão entre ensino-pesquisa-extensão. Reorganizado, o PET passou a enxergar no espaço da Comunidade do Preventório a consolidação de sua *área-objeto*. Trata-se de uma face do radicalismo democrático pelo qual o grupo passou, uma vez que a adoção de uma unidade espacial ao invés de um determinado viés de estudo significa também que qualquer estudo é válido, dentro dos seus próprios critérios. Não haveria motivo, portanto, para um petiano que tem afinidade com a Geomorfologia sentir-se tolido por trabalhar com Geografia Urbana, e vice-versa.

Deste modo, um fazer coletivo desenhado em 2004 e iniciado concretamente em 2005 no contexto das atividades de extensão universitária começou a entrar em reformulações e processos de aprofundamento que incrementaram as reflexões acerca dos diálogos estabelecidos ao longo das vivências do grupo na comunidade. A *área-objeto*, mediatizadora dos diálogos, continuaria a ser o Morro do Preventório.

A metodologia desta nova fase, concretizada principalmente após a reconstituição dos grupos para o número de doze bolsistas em outubro de 2005, esteve pautada em discussões coletivas de textos constituintes de uma bibliografia que aborda reflexões acerca de lugar, paisagem, espaço, território e região – conceitos-chaves da geografia – além de debates sobre identidade, comunidade, construção do conhecimento e a postura do cientista frente à pesquisa de campo.

Estas vivências e diálogos, consolidados em realizações de trabalhos de campo, somam-se ao necessário levantamento de dados junto a órgãos como o IBGE e a esferas do poder público municipal de Niterói, tais como Prefeitura e Câmara dos Vereadores.

Dentro dessas novas perspectivas a interação entre estudantes-estudados e estudados-estudantes proporciona um amálgama de sentimentos e emoções. Quando o estudado sente-se enquanto um colaborador e um agente dentro do estudo, o sentido de pertencimento, tanto relacionado ao local de moradia quanto à pesquisa-extensão, fica à flor da pele. Ele não é simplesmente um morador do Morro do Preventório, ele é o morador da *comunidade do Morro do Preventório*.

No desabrochar dessas possibilidades diversas, a permanência do contato com os protagonistas do Morro e o aumento do círculo de partícipes a partir do diálogo é dado fundamental para a construção do *Projeto Preventório*. Esse encontro de saberes possibilita a realização do desafio de integrar *ensino-pesquisa-extensão*.

O PET-Geografia então adentra nesta área-objeto acreditando que a totalidade do Morro do Preventório abarca não só as possibilidades ilimitadas de ensino(s)-pesquisa(s)-extensão (ões), mas uma nova práxis petiana, descoberta a partir do viver e do aprender em comunhão com os sujeitos do morro.

“Não pode existir uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. (...) Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encaramos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada

vez maior domesticação do homem. Se o encaramos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador”. FREIRE (1987:01)

Os objetivos foram solidificados e reestruturados coletivamente a fim de criar subsídios para as observações e estudos que se seguiriam. Os principais objetivos tinham como base as seguintes atividades: analisar dados sobre a condição socioeconômica, acompanhados de dados estatísticos, traçando um perfil da comunidade estudada; identificar a formação histórica da comunidade, utilizando-se da memória social; reconhecer as características do lugar, seu conteúdo e sua natureza que lhe asseguram determinada identidade. Interpretar a paisagem; e proporcionar um diálogo ativo com a comunidade do Preventório através da totalidade inerente à construção do saber acadêmico.

Com base em vivências na comunidade, os bolsistas tomaram para si a iniciativa de tentar aprofundar o projeto a partir de linhas de atividades que encarem a construção do conhecimento de forma associada à interação entre sujeitos sociais. Desta forma, este laboratório de diálogos, elaborador do encontro entre os saberes, constituiu uma base fertilizadora de novas idéias. Atualmente, tais linhas novas têm sido construídas por grupos de bolsistas a fim de estruturar uma nova fase do projeto.

Localizado na zona sul de Niterói e integrando o bairro litorâneo denominado Charitas, as casas de moradia do Morro do Preventório apresentam-se enquanto um enclave na paisagem. Bairro com solo urbano muito valorizado, Charitas encontra-se na rota de turismo oficial do município. Espaços como esta comunidade do Morro do Preventório são cotidianamente denominados como favelas por não possuírem um arruamento regular e por apresentarem padrões irregulares de construção civil. Preferimos denominá-lo como uma comunidade, uma vez que identificamos sentimentos de pertencimento e identidade ao longo das várias conversas com distintos moradores, devido à ausência da atuação do tráfico de drogas ilícitas

e de armas, aos usos da praia da baía e às relações de vizinhança entre os moradores dentro do Preventório.

Os bairros limítrofes são São Francisco a nordeste e Jurujuba a sudoeste. Percebe-se que o arco da praia do Saco de São Francisco apresenta paisagens distintas, à medida que se caminha para um ou para outro bairro limítrofe. A praia é usada para a atuação da atividade pesqueira quanto mais próximo estiver de Jurujuba – área em frente ao Morro do Preventório -, bairro que conta com uma comunidade pesqueira. E quanto mais próximo de São Francisco o calçadão estiver, mais seletivos e padronizados serão os quiosques, bares e restaurantes. Além disto, uma intervenção pública de instalação do transporte seletivo das Barcas S/A, isto é, a construção de uma estação de catamarã para o centro da cidade do Rio de Janeiro a um preço alto, acabou com parte do espaço de lazer e sociabilidade dos moradores do morro, além de ser, o empreendimento, o responsável pelo aumento imenso da circulação de carros no local, o que resultou na construção de um estacionamento que redinamizou outra parte da berma da praia para uso privado.

A leste, no alto da vertente que abriga a comunidade, encontra-se o Parque da Cidade, uma das principais atrações turísticas que conta com uma das mais belas vistas da Baía de Guanabara, além de incorporar uma pista de vôo livre, da qual pulam alguns aventureiros nos fins de semana.

Contrastes e diferentes significações num mesmo espaço é o conjunto de inquietações que alimenta estas novas linhas e nova fase do projeto. Fundamentar-se na pesquisa-ação; realizar trabalhos com crianças; delimitar áreas de risco no morro; destacar a memória dos líderes políticos e de movimentos sociais; regionalizar o morro; interpretar a paisagem; levantar a população real e os processos migratórios que se estabeleceram concomitantemente com a ocupação do morro. Enfim, duplas e trios de petianos têm se organizado a fim de que, com a continuidade dos trabalhos de campo e a feitura dos relatórios parciais, sejam incrementados estes novos eixos de observação, que acolhem o desafio de se diferenciarem radicalmente de

todas as propostas assistencialistas ali instaladas, inaugurando uma nova relação com os sujeitos presentes na comunidade.

Há um projeto atual da prefeitura de Niterói em realizar uma obra de melhora dos fluxos de transporte para o centro da cidade que atinge em cheio os sentimentos de identidade espacial da *área-objeto* estudada, uma vez que a instalação de um túnel Charitas – Cafubá está sendo cogitada para localizar-se no local de residências de muitos moradores do morro. Audiências públicas estão acontecendo, o que revela necessidade do grupo em manter a integração do trabalho coletivo a fim de consolidar a ousadia do projeto que está em não transformar aquele recorte espacial em um mero objeto de pesquisa, e sim num *locus* de transformação social permanente.

Os horizontes que são delineados para o PET-Geografia agrupam a conjunção entre o amadurecimento da práxis de grupo entrelaçada à abertura para questionamentos acerca da superação das dicotomias encontradas na construção do saber. Reconhecer semelhanças e diferenças significa, no mesmo passo, compreender e transformar respeitosamente o outro e a si mesmo.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* PAZ E TERRA, 7ª ed., Rio de Janeiro:1983.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção São Paulo. *Seleção de Textos*. Número 17. São Paulo:1987.

Contato: Grupo PET - Geografia UFF

E-mail: petgeouff@yahoo grupos.com.br

Telefone: (021) 2629-5908

Endereço: Avenida General Milton Tavares de Souza s/n. Campus da Praia Vermelha/Universidade Federal Fluminense. Instituto de Geociências – 3º andar. Boa Viagem.
Niterói/RJ. CEP: 24210-310